



A Religiosidade Trinitária do povo goiano

The Religious Faith on Trinity of people from Goiás, Brazil.

Irene Dias Oliveira*

Rafael Lino Rosa**

Resumo

Pretende-se, neste artigo, inserir o leitor no universo do catolicismo popular do povo goiano a partir de suas três dimensões: o culto popular à figura de Deus Pai, que em Goiás ganha o nome de Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade; a devoção popular à figura de Deus Filho, no culto ao Senhor Bom Jesus dos Passos, na Cidade de Goiás; e por último, no culto ao Espírito Santo, na Festa das Cavalhadas, na cidade de Pirenópolis. Na religiosidade popular sagrado e profano se mesclam no cenário do cerrado goiano do Brasil Central. Na pesquisa realizada percebe-se que o povo goiano não separa sua experiência de fé das experiências do cotidiano em suas devoções populares. O povo do cerrado sabe suspender momentaneamente a dureza do dia-a-dia, mergulhar num estado de graça e dele sair revigorado para enfrentar as vicissitudes que a vida impõe a todos. O panorama religioso goiano é marcado pelas festas apresentadas nesse artigo e por outras que florescem o calendário secular e religioso local.

Palavras chave: Religiosidade popular. Divino Pai Eterno. Senhor Bom Jesus dos Passos. Festa do Divino

Abstract

This article intends to insert the reader within the universe of popular Catholicism in the state of Goiás in Brazil through three dimensions: the popular cult of God as father which is called in Goiás the Divino Pai Eterno in the city of Trindade; the devotion of the Son called Bom Jesus dos Passos in the city of Goiás and at last, the cult of Holy Spirit as it is shown in the city of Pirenópolis during a festivity known as Festa das Cavalhadas. In central region of Brazil the popular religiosity, the sacred and the profane appear mixed. This research clarifies that people does not separate their faith from their everyday experiences. People from Cerrado land knows both how to suspend temporarily the hardness of daily life and to dive into the state of grace. They come out from that experience fulfilled with the necessary energy to deal with the vicissitudes their lives impose upon them. In Goiás the religious scene is marked by the festivities described in this article along with other ones that brighten secular and religious calendar.

Keywords: Popular religiosity. Divino Pai Eterno. Senhor Bom Jesus dos Passos. Festa do Divino.

Artigo submetido em 16 de outubro de 2011 e aprovado em 17 de janeiro de 2012.

* Doutora em Teologia pela Pontifícia Faculdade Teológica dell' Italia Meridionale; professora e pesquisadora do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. País de origem: Brasil. E-mail: irene.fit@pucgoias.edu.br

** Mestrando do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da PUC Goiás, , graduado em Filosofia pela PUC Goiás. E-mail: barão.lino@hotmail.com

Introdução

O campo religioso brasileiro é marcado por uma riqueza de expressões religiosas que trazem em seu legado a fusão de culturas indígenas, européias e africanas. Em qualquer situação e lugar a religião estabelece sentido para a existência humana diante das agruras, das dores e das ameaças do cotidiano. Em geral as pessoas agem de acordo com suas crenças e envolvidas por elas sentem que podem atuar no mundo com segurança.

As celebrações religiosas envolvem vários significados que tem a ver com as tradições, o simbolismo, o imaginário, a cultura e a fé de um determinado povo. No caso do povo goiano é interessante entender como seu imaginário está povoado pela dinâmica religiosa e como esta se manifesta, ao longo dos anos, marcando sua identidade, sua cultura, suas estratégias de valorização e reconhecimento não obstante o processo acelerado de urbanização dos últimos tempos.

Um aspecto que caracteriza o campo religioso goiano é a fé na Trindade. A crença em Deus e nos santos parece ser muito difundida junto ao imaginário do povo goiano. Embora a crença na Virgem Maria esteja presente em Goiás, a fé no Deus Uno e Trino se faz bastante forte e peculiar.

Como os cristãos goianos representam o seu Deus? Será esse Deus indefinido, vago, estranho e distante? Qual é o impacto desse Deus na vida prática do povo goiano?

Destacaremos, a seguir, três festas religiosas em homenagem às pessoas da Santíssima Trindade que acontecem, anualmente, em três cidades diferentes do estado de Goiás: Trindade, Cidade de Goiás e Pirenópolis. Estas festas permeiam o viver e o cotidiano do povo goiano, se entrelaçam com suas tradições e culturas e estabelecem algumas das tantas características do panorama religioso brasileiro.

1 Glória seja ao Pai

Na cidade de Trindade o catolicismo popular e o oficial tem como ponto de convergência a fé do povo goiano. Quando falamos em catolicismo popular nos referimos às manifestações coletivas que exprimem a maneira de sentir, de perceber e conceber as

angústias, as necessidades e os anseios que não encontram respostas adequadas e/ou suficientes nos espaços do catolicismo oficial, ou seja, nas expressões religiosas do catolicismo institucional (PARKER, 1996). Embora o núcleo do catolicismo oficial seja o mesmo do catolicismo popular (a devoção aos santos, a Maria) as formas para expressá-las são diferentes: o primeiro está mais ligado ao espaço da ortodoxia, da instituição e do privado e o segundo tem uma maior participação do povo, é leigo e comunitário. Para Paleari (1990, p. 72-73) o catolicismo oficial (romanizado) é “qualitativamente diferente do catolicismo popular. Aquele é marcado pelos santos e pelos leigos e, este, pelos sacramentos e pelo padre”. Apesar dessa distinção devemos considerar que existe uma relação dialética entre o catolicismo popular e o oficial em função da complexidade do campo religioso e das relações entre povos e culturas (PARKER, 1996). Esta dinâmica se faz presente também em Trindade.

Nesta cidade a 25 km de Goiânia o culto à pessoa de Deus Pai encontra sua maior expressão nas procissões, romarias, cânticos e liturgia própria. A festa ao Divino Pai Eterno ocorre no Santuário do mesmo nome e, segundo Jacob (2000, p. 246) é “o único santuário da terra onde se venera exclusivamente a primeira pessoa da Santíssima Trindade, o Divino Pai Eterno”. Carlos Rodrigues Brandão, grande pesquisador das manifestações culturais religiosas do Estado, afirma não conhecer cortejos, procissões ou romarias dedicadas a Deus Pai com exceção destes da cidade de Trindade (BRANDÃO, 1978).

O antigo arraial de Barro Preto, hoje cidade de Trindade, foi freguesia da cidade de Campinas das Flores, hoje bairro de Goiânia, capital do Estado. Segundo o Padre João Cardoso de Sousa:

O nome de Barro Preto aparece pela primeira vez nos livros surrados do arquivo de Campinas das Flores de 1848. Em 1850, a denominação do local da romaria é Barro Preto [...]. De 1854 em diante, os assentamentos paroquiais trazem os seguintes termos: ‘moradores em a Ss. Trindade e moradores na Capella da Ss. Trindade. A primeira capela, na afirmação de Manuel Pio, era uma casinha coberta de Burity’. A segunda capela, coberta de telhas, foi também construída por Constantino, portanto antes de 1854 (SOUSA, 1958, p. 6).

Ele ainda relata que encontrou nos arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Campinas das Flores a seguinte narrativa:

Em 1848, Constantino Xavier e Ana Rosa, casal mui piedoso e devoto, expuseram ao público o medalhão de barro representando as três pessoas da Santíssima Trindade, coroando a Virgem Maria. Manuel Pio assim se exprime: a imagem com que eles principiarão a rezar o Santo Terço em honra do Divino Padre Eterno é feita de barro em forma de uma medalha que tem meio palmo de circunferência (como eu vi) n'esta medalha estava gravada as imagens da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria (SOUSA,1958, p. 7).

Desde que o casal Constantino Maria Xavier e sua esposa, Dona Ana Rosa, expuseram o medalhão na sala de seu rancho, nos dias de sábado, para a reza do terço e ladainhas, afluíram a Trindade pessoas de diferentes rincões do Estado, a pé ou em carros de boi, meio de transporte rural típico, ainda hoje utilizado no Estado, para ali adorarem a Santíssima Trindade e a figura de Deus Pai, representada como um velho calvo de barbas longas, sentado ao lado de seu filho Jesus. Desde então, sem respaldo documental, mas incorporado à tradição e registrado, posteriormente, por párocos da cidade de Campinas das Flores (GO), tem origem a devoção, com o achado milagroso do medalhão de barro representando a Santíssima Trindade, coroando a Virgem Maria no Céu.

Trindade era, segundo nos diz Zavarez (1989), um arraial de Goiás sem nenhuma importância, “o arraial era apenas um pedaço insignificante de Goiás, sem minas de ouro e pedras preciosas, com cultura fraca de cereais e uma água péssima” (p. 24). Hoje Trindade é um enorme centro de romaria a Deus Pai, que cresce apesar de uma variada oferta religiosa local. O povo goiano e os devotos do Divino Pai Eterno seguem tentando resguardar sua fé, sua história e sua cultura.

O Santuário do Divino Pai Eterno é confiado aos redentoristas, desde 1894 que chegaram com o objetivo de romanizar a devoção ao Pai Eterno controlada, na época, por coronéis (CAMPOS, 1985, p. 28). O trabalho foi árduo, porém profícuo. Os missionários da Baviera, num autêntico trabalho de evangelização conseguiram a atenção e o respeito do povo e mantiveram suas manifestações livres do abuso e explorações dos coronéis. Cheio

de ex-votos, ladainhas, terços e jaculatórias cantadas¹, em latim, com muitas festas, comidas, danças, forrós e catiras, os missionários alemães conseguiram seu intento: catequizaram o povo sem tolher sua identidade, sua fé, sua alegria de pertencer ao grupo dos romeiros devotos do Divino Pai Eterno. Merece atenção especial a figura carismática de Pe. Pelágio Sauter², missionário alemão, que vencendo todas as dificuldades do idioma e dos costumes, adaptou-se à cultura e à religiosidade do povo goiano, sendo grande pregador e taumaturgo da cidade de Trindade até 1962, ano de sua morte. Hoje, Pe. Pelágio, com processo de beatificação em andamento, é considerado Pai dos Pobres e Pai do Povo Goiano. Desde então existe uma verdadeira expansão, além das fronteiras do Estado de Goiás, da devoção a Deus Pai, a partir da cultura e do catolicismo próprio desse povo.

O poder institucional religioso conseguiu assumir o controle litúrgico da festa, mas

¹ **Ex-voto:** “quadro, pintura ou objeto que se conferiu uma intenção votiva; quadro, placa com inscrições, figura esculpida em madeira ou cera (representando partes do corpo, etc.), que se colocam numa igreja ou capela, para pagamento de promessa ou em agradecimento a uma graça alcançada” (HOUAISS, 2001, p. 1294). **Ladainha:** “prece litúrgica estruturada na forma de curtas invocações a Deus, a Jesus Cristo, a Virgem, aos santos, recitadas pelo celebrante, que se alternam com as respostas da congregação (fiéis e/ou religiosos)” (HOUAISS, 2001, p. 1710). **Terço:** “a terça parte do rosário, composta de cinco dezenas de contas para a reza da Ave-Maria, intercaladas por cinco contas, correspondentes ao Padre-Nosso” (HOUAISS, 2001, p. 2700). **Jaculatória:** “oração breve, pronunciada ou rezada mentalmente, freq. numa única frase, em que o fiel invoca a Deus com humilde confiança (p. ex., ‘meu Senhor, meu Deus’)” (HOUAISS, 2001, p. 1668).

² **Pe. Pelágio Sauter** nasceu dia 9 de setembro de 1878, na aldeia de Hausen am Thann (Alemanha) e foi batizado três dias depois. Seus pais, Matias Sauter e Maria Neher, tiveram 15 filhos. Dois deles (Pelágio e Gaspar) tornaram-se padres redentoristas. Em 1892 Pelágio recebeu os sacramentos da Primeira Eucaristia e Crisma. Trabalhou dois anos como aprendiz de serralheiro numa cidade vizinha. Em 1894 ingressou no Seminário Redentorista em Bachham. [...] Quando convidado para vir ao Brasil, aceitou logo, pois sempre quis trabalhar nas missões estrangeiras. Dia 6 de agosto de 1909, desembarcou no Rio de Janeiro, com mais quatro confrades. Nunca mais voltaria para rever a pátria. Estes 52 anos foram assim distribuídos: Cerca de 5 anos em algumas paróquias de São Paulo, e os outros 47 em Goiás. Durante esses longos anos, desenvolveu múltiplas atividades pastorais. [...] Onde mais trabalhou, foi em Trindade, famoso Santuário de Goiás, dedicado à Santíssima Trindade. Os romeiros vinham visitar o Divino Pai Eterno na festa, mas não voltavam sem pedir também a bênção do Pe. Pelágio. [...] Ficaram famosas as bênçãos que dava na igreja matriz de Campinas/Goiânia, todos os dias de manhã e à tarde. Contam-se muitas curas extraordinárias, atribuídas ao seu carisma curativo. Algumas não tiveram explicação médica. Também sua morte está ligada a um ato de caridade. Ao visitar uma pessoa enferma, apanhou chuva na volta, ocasionando-lhe forte pneumonia. Foi internado na Santa Casa de Misericórdia, e assistido carinhosamente pelo corpo médico, confrades e amigos. Mas sobreveio um enfisema pulmonar, com outras complicações, tudo agravado pelos achaques da idade. Após uma semana de sofrimentos, morreu santamente às 13 horas do dia 23 de novembro de 1961. Tinha 83 anos. Por isso é chamado o apóstolo de Goiás”. Cf. PELÁGIO, 2011.

não conseguiu assumir as rédeas da *Festa Grande*³. Daquela parte da festa organizada e vivenciada pela população em que homens, mulheres e crianças podem extravasar suas emoções e sentimentos conforme uma trova popular do início do século passado “*Que beleza, que bondade / Festa boa é a da Trindade / Olhando as moça bonita / E comendo brevidade / Quem tem amor, tem saudade*”.

O mercado religioso divide seu espaço com o mercado da diversão. Os antigos ranchões de palha, com o baile dos sanfoneiros, que existiam até o início do século passado, foram substituídos por enormes barracas de lona preta e som mecânico. O comércio permanece com suas barraquinhas de água mineral, roupas, tachos de cobre vendidos por ciganos, sempre presentes em Trindade, comidas e imagens de santos. No passado como agora o profano mescla-se com o sagrado e não raras vezes entra em conflito com a religião oficial, mas para o povo esta distinção não é muito clara. Para eles tudo tem um sentido, tudo se faz em honra e homenagem ao Divino Pai Eterno. Mesmo quando, para muitos, a festa é vista como um espaço cujo objetivo é movimentar economicamente a cidade e o Estado de Goiás, isto ocorre no âmbito de uma especial emoção e é envolta pela fé do povo à pessoa de Deus Pai⁴. Fé e festa são as palavras mais escutadas em Trindade. Desde o final do mês de junho, até o primeiro domingo de julho, dia em que todos, inclusive o Estado e seus poderes constituídos, se voltam para Trindade: a Terra Santa dos goianos, a capital da Fé.

Esta tradição é até hoje carregada de emoção e de histórias que mexem com o imaginário religioso do povo goiano. Surgem os cultos paralitúrgicos⁵ que resistem, até hoje, a qualquer tipo de romanização que os padres do alto clero do estado de Goiás quiseram realizar. Os cultos retratam a singularidade de povo pobre e sofrido que segue

³ Chamada assim por durar nove dias, o tempo da novena, e por contar com participantes de todo o estado, que desde o início da festa, no século XIX, vêm de carros de bois para Trindade. De um lado, havia o interesse da Igreja, de outro, o interesse dos festejantes. Rabelo define bem o contexto da época: “Aconteceu assim em Goiás. De um lado os dominantes, os colonizadores, os proprietários de terras, os coronéis, alicerçados pela Igreja como “Evangelizadores” e do outro, os dominados, índios, negros e o povo simples do sertão que não deteve terras nem escravos”. (Cf. RABELO apud LEMOS, 2007, p. 42)

⁴ “Fora raros casos, não há festas populares a Deus Pai. Fora à exceção de Trindade, em Goiás, não conheço cortejos e, menos ainda, procissões e romarias a ele” (BRANDÃO, 1989; RABELO apud LEMOS, 2007, p. 29).

⁵ Neologismo que indica uma série de atividades religiosas que são complementares ou paralelas àquelas que se definem por litúrgicas. E por atividades litúrgicas, definem-se aquelas que estão de acordo com o que é prescrito por um conjunto de elementos e práticas de um culto religioso (HOUAISS, 2001, p. 1773).

como devoto e ator de um dos atos de fé mais representativos da religiosidade do povo goiano. Marcada pela romaria, que desde então se faz, seja a pé, a cavalo ou com carro de boi, percorrendo distâncias enormes dentro e fora do Estado, Trindade continua sendo, através dos tempos, um dos poucos locais do mundo onde o culto a Deus Pai Trino se realiza. Além disso, a festa assume características populares rurais, marcada pela presença de agricultores, pecuaristas e pessoas que conferem a essa devoção um traço marcante de cultura goiana, uma goianidade religiosa, onde valores da gente da roça numa devoção carregada de emotividade são evocados para garantir a identidade da devoção do povo goiano ao Divino Pai Eterno.

Variados aspectos fazem parte dessa colcha de retalhos gigantesca, que é a Festa de Trindade: históricos, teológicos, litúrgicos, sociais, econômicos, culturais e um leque de assuntos se descortina aos olhos daquele/a, seja antropólogo/a ou cientista da religião, ou teólogos/as que se debrucem sobre a devoção a Deus Pai. Além disso, não se deve esquecer a comoção, o espírito de sacrifício e de oração que envolve os/as romeiros/as e aqueles/as que participam dessa festa. É através da oração e do sacrifício que o povo manifesta sua crença, pois parecem intuir que é através destas dimensões que se manifesta a crença no Deus Pai, todo poderoso, o qual elimina os conflitos, as tensões, as invejas, as brigas, trazendo de volta a harmonia e a tranqüilidade do grupo. O fiel, o/a romeiro/a parece entender que

falar de salvação, de misericórdia, invocar a ajuda do alto, sentir-se pecadores e exclamar: “Senhor, tem piedade de mim!”, tudo isso significa “transportar-se para o alto”, reconhecer a função “totalizadora” da experiência religiosa que se expressa na oração (TERRIN, 2003, p. 110).

É através da oração ao Divino Pai Eterno que as pessoas se remetem fora do mundo: parecem entender que o sentido do mundo está fora dele, mas não num sentido alienante, como muitos poderiam pensar, mas no sentido de se buscar as respostas às ambigüidades e

às dores e fragilidades da vida e da criatura humana em outro espaço, outra dimensão⁶. A festa ao Divino Pai Eterno é, portanto, expressão de misticismo, de desprendimento, de sacrifício e ao mesmo tempo daquele céu onde não há ricos, pobres e prantos. A festa é o espaço simbólico, regenerador e ao mesmo tempo libertador.

Embora saibamos que, do ponto de vista da experiência de fé e da prática, os cristãos pareçam ser monoteístas e que o Deus Trino permaneça ainda muito distante e isolado, talvez, seja exatamente esta ausência, esse exílio, e essa distância que levam os peregrinos a sentir e experimentar a nostalgia, a beleza e a necessidade de um reencontro com a pátria trinitária, aquele mundo que está fora do mundo, durante sua vida (FORTE,1987). Talvez seja esta nostalgia o que motiva e mobiliza milhões de pessoas a se dirigirem anualmente ao Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO).

2 Glória seja ao Filho

Se Trindade é o espaço onde o povo goiano é levado, em sua peregrinação, a matar a saudade de Deus Trino é lá que esse mesmo povo parece perceber que, este Deus Inacessível não se deixa capturar tão facilmente. Ao mesmo tempo parecem acreditar que esta inacessibilidade, se de um lado pode ser salvaguardada, de outro, pode ser superada. Será que o Inacessível que está no recinto de seu mistério e de sua majestade (o presente/ausente) não se deixa capturar totalmente e plenamente? Será que se pode encontrá-lo, em sua totalidade, em outro espaço? Talvez alguns ‘passos’ a frente?

Talvez a convicção de que é possível encontrar o Inacessível mais adiante leve o peregrino goiano a pensar: se Deus está a alguns passos além, “quem é tão louco de modo a ignorar esse Deus quando o mais além, esse véu, esse obstáculo pode ser tirado”? (TERRIN, 2004, p. 372). Acreditamos que esta certeza de que Deus está sempre um pouco além faça com que o peregrino vá a sua procura; vá à busca de novos espaços onde esse Deus possa estar mais acessível em sua inaudita humanidade. E é a partir desse desejo e

⁶ “Acompanhando a novena da Festa do Divino Pai Eterno, que se realizou em Trindade entre os dias 25 de junho a 04 de julho de 1999, os ritos evidenciaram nitidamente uma ideologia de uma Igreja que luta contra a situação de mercado, contra o capital, contra a violência e toda opressão. É uma Igreja reagindo ao processo de secularização de uma ideologia neoliberal, se autodefendendo e defendendo seus fiéis” (RABELO apud LEMOS, 2007, p. 37).

dessa fé que homens e mulheres se põem em caminho em busca de um Deus como nós. É esta busca que leva o povo goiano à Cidade de Goiás durante a Semana Santa.

Na Cidade de Goiás, antigamente chamada Vila Boa e capital do Estado de Goiás⁷ esta experiência religiosa não é uma tarefa fácil de inscrever nos limites de um artigo. Ainda mais em se tratando de um contexto onde tradição⁸ e cultura estão carregadas de uma forte conotação emocional e marcam as experiências de fé e as manifestações religiosas durante todo o ano.

O relato abaixo ilustra como o culto ao Senhor Bom Jesus dos Passos e a Irmandade dos Passos exerceram papel fundamental na organização e manutenção desta tradição religiosa tão fortemente arraigada à identidade católica popular do vilaboense⁹:

Quando começou a transferência para Goiânia das repartições (Batalhão de Polícia, estabelecimentos de ensino, unidades federais) houve alguém que anunciou que, dentro de uma semana, deixaria também a terra vilaboense a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, trazendo para a nova capital do Estado a venerada imagem do Senhor dos Passos, que tem para o habitante da cidade de Goiás a mesma importância, o mesmo valor que a do Divino Pai Eterno para o trindadense ou a do Senhor do Bonfim para o baiano. Tratava-se, como se pode ver, de uma brincadeira de muito mau gosto, mas que, no meio de um povo sofrido, como era na ocasião o vilaboense, não deixaria de ter a repercussão esperada. Marcou-se o dia, ou melhor, a madrugada. Chegou-se mesmo a mencionar o número do caminhão que iria buscar a imagem. Uma força policial de vinte homens se incumbiria da missão que estava planejada com uma riqueza de detalhes surpreendentes. Pois bem, nessa noite, mais de cinquenta Irmãos do Passos pernотaram no camarim da Igreja de São Francisco, bem armados, aguardando o desenrolar dos acontecimentos. Se, por acaso, não conseguissem eles repelir os assaltantes, poriam fogo à Igreja e morreriam todos ao lado da imagem querida. Muitos desses que se encontravam dispostos ao sacrifício já não mais existem (FERREIRA, 1980, p. 151).

⁷ Vila Boa, Vila Boa de Goiás, Goiás Velho ou Goiás Velha são nomes que se referem à Cidade de Goiás. Originalmente fundada como Arraial de Sant'Anna em 1727 (CHAUL, 2002), posteriormente chamou-se Vila Boa de Goiás em 1736 (BERTRAN; FAQUINI, 2002). Boa de Bueno (Bartolomeu, o Bandeirante), e Goiás homenagem à nação Goiá: índios que habitavam a região (CHAUL, 2002). Portanto, todas as vezes em usarmos a expressão Vila Boa estamos nos referindo à Cidade de Goiás, como carinhosamente é chamada pelos antigos moradores.

⁸ Utilizamos aqui a palavra tradição para nos referir às festas realizadas há muito tempo na cidade de Goiás, e cultura que referir-se não apenas às festas religiosas que fazem parte da cultura do povo da cidade de Goiás, mas ao seu modo de ser, às características que o tornam um povo extremamente religioso.

⁹ Pelos motivos expostos na nota anterior, chama-se “vilaboense” aquele que é originário da Cidade de Goiás, é o gentílico oficial da cidade, uma vez que goiano é quem nasce no estado, e goianiense é quem nasce em Goiânia, capital nova.

A Irmandade dos Passos foi fundada na então cidade de Vila Boa de Goiás pelo padre espanhol Doutor João Perestello de Vasconcelos Spíndola em 1745 (BERTRAN; FAQUINI, 2002). Ele, tendo saudade das procissões de sua terra natal, implanta na Terra dos Goíases¹⁰ o culto ao Senhor Bom Jesus dos Passos com características semelhantes às das cidades de Sevilha e Toledo na Espanha (BERTRAN; FAQUINI, 2002). A Irmandade foi criada com o objetivo de enaltecer a Semana Santa e se organizou em torno de toda uma iconografia sombria e lúgubre representando o martírio de Cristo e de sua ressurreição, o ponto central da fé cristã. Ela é responsável pela representação simbólica e evocação mística do sacrifício de Cristo, dando sentido pleno à vida religiosa da comunidade. Sua ação é catequética, porque com a encenação da morte e ressurreição de Jesus a mensagem evangélica é transmitida e ensinada às novas gerações (BRITTO; ROSA, 2011). Além disso, a comemoração da Semana Santa na Cidade de Goiás é referência de fé e devoção muito importante para o povo do Estado.

A Irmandade dos Passos estabelece um *modus operandi* que engrandece e abrilhanta as atividades religiosas de toda a quaresma. As atividades, em função da festa, duram o ano inteiro. Mas é na quaresma que se intensificam. A antepenúltima semana da quaresma, a chamada Semana dos Passos, é dedicada à Irmandade dos Passos e à catequese que ela se propõe a fazer. São realizadas procissões, cânticos dos motetos¹¹, celebrações eucarísticas e a encenação da *Via Crucis*. Essas encenações religiosas carregadas de um simbolismo medieval cuja herança católica foi trazida pelos padres portugueses e espanhóis que aqui chegaram desde a criação do Arraial de Sant'Anna¹² (erigindo-se Vila Boa de Goiás e por fim Cidade de Goiás) foram preservadas intactas graças à atuação ininterrupta da Irmandade dos Passos desde o século XVIII (BRITTO, ROSA, 2001, p. 23-53). Este fato

¹⁰ *Terra dos Goíases* é uma antonomásia usada para se referir ao estado de Goiás, ou mais especificamente à Cidade de Goiás e sua região, primitivamente habitada pelos índios Goiá, ou Goíases, ou mesmo Goiás, esta última variação, por sua vez, dá nome ao nosso Estado.

¹¹ O moteto é um gênero musical polifônico surgido no século XIII, onde, inicialmente, usavam-se textos distintos para cada voz. Os motetos dos Passos, cantados em latim, na Cidade de Goiás foram compostos em 1855, pelo maestro Basílio Martins Braga Serradourada e seu filho, o Cônego José Iria Xavier Serradourada (BRITTO; ROSA, 2011).

¹² Pode-se perguntar por que não foi escolhido São José de Botas como padroeiro da Cidade de Goiás, já que o mesmo é padroeiro dos Bandeirantes. A escolhida foi a Senhora Sant'Anna por ser a devoção de Bartolomeu Bueno, o Anhanguera Pai e Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera Filho (BERTRAN; FAQUINI, 2002). Este primeiro, o responsável por tirar Goiás de uma bacia de aguardente em chamas, causando o espanto dos índios Goyazes que ao temerem que o seus rios pegassem fogo, informaram ao bandeirante o local onde havia ouro.

contribuiu para que a Comissão Julgadora da UNESCO outorgasse o título de Patrimônio Histórico Artístico e Cultural Mundial. Portanto reconhecer e resgatar a história da Irmandade e da Semana Santa em Goiás nos leva a valorizar e reconhecer a identidade religiosa e cultural que são dimensões de suma importância para delinear as características e a produção cultural e religiosa da Cidade de Goiás.

As celebrações não são feitas apenas na Semana Santa, mas duas semanas antes. A Procissão dos Passos (do Senhor Bom Jesus dos Passos) chama a atenção por três aspectos. Primeiro, pelo aspecto emocional: o profundo sentimento religioso que envolve os católicos durante a *Via Crucis*. Segundo, pela estética: a procissão dos Passos preenche os sentidos, a audição é aguçada pelo canto dos motetos, o repicar dos sinos e as orações rezadas nas ruas. A visão é totalmente preenchida por toda a simbologia dos objetos paralitúrgicos, pelas alfaias¹³ e pela própria imagem do Senhor dos Passos. E, por último, pelos elementos simbólicos: os motetos cantados, as alfaias roxas, os balandraus e murças¹⁴, o pendão maior¹⁵ com a abreviatura do tribunal que condenou Cristo, o pendão menor, a cruz processional, o bastão e a figura do provedor, a imagem do Senhor dos Passos, ricamente vestida e ornamentada em seu andor, carregada pelos irmãos que descansam nas *misericórdias*¹⁶ (SIQUEIRA apud BRITTO; ROSA, 2011, p. 155-157). Os símbolos relacionados à Paixão, outros relacionados à Irmandade¹⁷ e a própria Imagem do Senhor dos Passos, além de expressar um forte sentido de solidariedade e comunhão permitem que

¹³ Enfeites, joias, adornos, paramentos litúrgicos (HOUAISS, 2001, p. 151).

¹⁴ Respectivamente, os paramentos masculinos e femininos dos irmãos e irmãs da Irmandade dos Passos. O balandrau é uma túnica que se usa sobre as roupas sociais. A murça é uma espécie de pequena capa que as mulheres usam sobre o colo e os ombros durante as procissões.

¹⁵ Estandarte roxo com bordas e letras em dourado, com a sigla SPQR, *Senatus Populusque Romanus*, Senado e Povo Romano, simbolizando os condenadores de Cristo.

¹⁶ **Peça 2- Misericórdias:** Num total de oito (quantidade de braços que possui o andor que abriga a imagem durante a procissão) e medindo 1 m é uma ferramenta que possui a cabeça em prata e serve de apoio para quem carrega a imagem do Senhor dos Passos. Quando se fala ‘misericórdia’ desce o andor e as peças são colocadas embaixo dos varões (braços), firmando-o quando se pára a procissão (para a execução dos motetos ou quando a procissão percorre com muito vagar). Peça fundida em prata batida, possui adornos de florões. É afixada em cabos de madeiras pintadas na cor preta (SIQUEIRA apud BRITO; ROSA, 2011, p. 156). Todo o capítulo dessa obra discorre em detalhes a respeito de todos os objetos usados na procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos.

¹⁷ “Quando os fiéis se associam para fazer alguma obra de piedade ou caridade, essa associação recebe o nome de pia união. Se essa associação, por sua vez, tem ainda uma hierarquia, é designada por irmandade. Seus membros ou irmãos ou confrades, segundo o Compromisso, também assume o dever de se auxiliar reciprocamente, tendo, pois, sob esse aspecto, uma identificação de ideais e interesses comuns entre os membros e os candidatos a ingressarem na mesma seleção prévia e restrita dos mesmos, com vista a agregá-los mais facilmente, bem como ainda a evitar fissuras em seu interior” (BRITTO; ROSA, 2011, p. 25).

o povo extravase o seu espírito de oração, de perdão, de esperança em um mundo melhor e religa o material com o espiritual, o humano com o divino, o sagrado com o profano e exercem uma função cultural na medida em que fortalecem a identidade do povo vilaboense (BRITTO; ROSA, 2011, p. 102-128), pois

independentemente da comunicação, os símbolos tem outras modalidades de influência sobre a vida social, principalmente na medida em que servem para concretizar, tornar visuais e tangíveis as realidades abstratas, mentais ou morais da sociedade. Contribuem, desse modo, para lembrar e manter os sentimentos de pertença para suscitar ou assegurar a participação adequada dos membros, segundo a posição e o papel que cada um ocupa, para manter «a ordem social natural» e a solidariedade que ela implica [...] estes símbolos não só ajudam a representar concretamente coletividades como podem também servir para provocar ou alimentar o sentimento de pertença e a solidariedade dos membros (ROCHER, 1971, p. 167).

Os símbolos quaresmais enquadram-se, portanto, no campo do religioso e no campo do mágico transmitindo a ideia de ligar o homem ao supranatural. As procissões da Semana dos Passos começam no sábado e terminam na segunda-feira das Dores. São, ao todo, três procissões. A primeira é a do *Depósito*, realizada no sábado à noite, onde a imagem do Senhor dos Passos sai da sua sede, na Igreja de São Francisco de Paula, coberto pela camarinha e vai até a Igreja do Rosário, ficando lá até domingo à noite. De lá sai a segunda procissão, a procissão do *Encontro*, onde a imagem do Senhor dos Passos sai da Igreja do Rosário com toda pompa. No percurso fazem-se paradas nos *passos*, que são altares erigidos nas ruas entre uma casa e outra. Hoje restam apenas dois, mas a imagem do Senhor para nos locais dos antigos passos: capelas representando estações da *Via Crucis* e lá são cantados, durante todo o trajeto da procissão, acompanhados pela banda de música, os motetos correspondentes a cada passo¹⁸. Durante a procissão, na frente da catedral, o Senhor dos Passos se encontra com a imagem de Nossa Senhora das Dores. Após a pregação do vigário da catedral, a procissão segue com as duas imagens, descendo na Praça do Chafariz e retorna à catedral. A terceira procissão é a da *Transladação*, que ocorre na segunda-feira, após a missa na catedral, onde a Irmandade dos Passos retorna com a imagem do Senhor Bom Jesus para a sua sede. Os católicos se movimentam para a

¹⁸ A saber: *Adoramus; Pater; Bajulans; Exeamus; O Vos Omnes; Filiæ; Angaria; Domine; Popule Meus; Salvator Mundi* entre outros cânticos em Latim, compostos para serem cantados nessas festividades, especialmente (SOUZA apud BRITO; ROSA, 2011, p. 167).

realização dessa encenação da Via Dolorosa. Irmãos e irmãs da Irmandade dos Passos, e até pessoas que não têm ligação com a mesma, trabalham arduamente para que esse evento ocorra ininterruptamente, há 266 anos (BRITTO, ROSA, p. 197).

Realiza-se o pagamento de promessas: ex-votos feitos ao Senhor dos Passos; alguns andam descalços nas três procissões; outros vestem crianças de anjos ou mesmo com uma túnica roxa, uma coroa de espinhos e uma pequena cruz. Algumas pessoas distribuem água aos membros da Irmandade durante as procissões realizadas durante a Semana Santa. Muitos se ajoelham às portas e acendem velas quando da passagem das procissões, entre outros atos de fé e devoção, que caracterizam a identidade religiosa do vilaboense e sua devoção piedosa a Jesus Cristo padecente. Parece que o sentimento de fragilidade que envolve as pessoas e a falta de respostas às questões do cotidiano as transporta para um mundo que as acalme, e que responda às questões existenciais, filosóficas e práticas. As crenças compartilhadas na Cidade de Goiás dão um sentido de pertença e de identidade à Irmandade dos Passos e à comunidade. O imaginário local ressignifica a vida, suspende momentaneamente o sofrimento e enaltece a dignidade da pessoa humana.

A Irmandade dos Passos passa para a história como uma das experiências importantes apesar das mudanças ocorridas na Cidade de Goiás e no Brasil: a libertação dos escravos, o declínio da mineração e da produção aurífera, a passagem de colônia a império e de império a República; as recessões econômicas do século XX, a chegada do protestantismo no Brasil nos séculos XIX; a mudança da capital para Goiânia; o Concílio Vaticano II e as mudanças sociais e econômicas profundas; a emancipação da mulher; e às rápidas mudanças provocadas por uma forte oferta religiosa que não reconhece as tradições religiosas populares, culturais e históricas dos católicos.

A paixão de Jesus Cristo torna-se assim o centro de referência, o polo de toda a realidade; o polo que organiza, que dá refúgio, segurança e proteção. Aí o crente, o camponês, o cidadão urbanizado encontra a força que sustenta a sua vida: aquele Deus que se fez um como nós, inclusive na dor. A fé popular reconhece em Jesus seu poder de curar, de intervir ‘milagrosamente’ no mundo dos vivos e de interceder junto a Deus. É o poder que importa, é a eficácia simbólica e a capacidade de um Deus Inacessível se fazer um de nós e sofrer como nós. Diante da morte trágica do Filho de Deus encontra-se o sentido da vida, estabelece-se um pacto onde vigora o intercâmbio ritual. O suplicante se propõe a

realizar sua promessa em troca do milagre. Durante a *Via Crucis* reconhecem-se as dores de homens, mulheres e crianças que são vítimas das enfermidades, da precariedade da vida, do desemprego, dos conflitos familiares, desavenças conjugais, alcoolismo e violências de todo gênero.

A nostalgia do Inacessível e a vontade de ir além (que vimos na cidade de Trindade) torna-se aqui uma presença dentro da vida das pessoas; algo que sustenta com elas o peso da dor e da luta contra a injustiça do mundo e impede que sejam derrotadas no embate com a tragédia do tempo (FORTE, 1985). Dessa forma a comunidade da Cidade de Goiás com sua religiosidade e suas tradições anuncia que o Deus da cruz está presente onde quer que exista dor. Eles através de seus rituais acreditam que Deus sofre na pessoa e com a pessoa; e que esse Deus faz seu, o grito dilacerante das dores do mundo por Ele assumidas em sua Paixão. Dessa forma o Deus Inacessível se faz o grande companheiro e o invencível apoio do vigiar e do padecer humano (FORTE, 1985).

3 Glória ao Espírito Santo

Se o povo goiano sabe ir mais além para encontrar o Deus companheiro, o Deus conosco, isto, porém, parece não ser suficiente e apesar das formas, teologicamente elaboradas, de falar no Espírito Santo o povo goiano não renunciou celebrar, a seu modo, a fé no Divino (como carinhosamente é chamado o Espírito Santo). O povo goiano parece entender que o Espírito Santo não pode estar contido em formulações, Ele extrapola as definições, as doutrinas e toda forma de limitação pois o Divino é o espaço e o ambiente de amor, de criatividade e liberdade (FORTE, 1985).

O evento da paixão, morte e ressurreição de Jesus evoca o Espírito. Mas d'Ele não possuímos imagens. Ele vem representado por símbolos: o vento, o sopro, o fogo, a água, o óleo, a pomba, entre outras. Todas estas são imagens que lembram movimento, fluidez e a impossibilidade de capturá-lo nas malhas de nossa racionalidade. Como o Espírito Santo vem representado pela religiosidade popular do povo goiano?

O costume de se homenagear o Divino Espírito Santo vem do tempo do Brasil Colônia¹⁹, sendo encontrado em várias cidades por todo o país. Em Goiás, as festas foram se difundindo à medida que a Igreja Católica ia ocupando espaço nos arraiais emergentes em função das descobertas auríferas, a partir do século XVIII. As festas dos santos, da devoção religiosa cristã e da expressão da cultura popular, foram trazidas por jesuítas e colonos açorianos e se popularizaram por todo o Brasil. Em Pirenópolis elas se fundiram aos cultos de matriz africana, às crenças religiosas indígenas e à celebração judaica de Pentecostes tornando-se a Festa (ou Domingo) do Divino.

Pirenópolis é uma cidade goiana do século XVIII e esteve ligada à mineração do ouro, fazendas de engenho e criação de gado. Aí a festa do Espírito Santo, Festa do Divino, é a mais esperada do ano. Durante a festa suas ruas e praças ficam cheias de pessoas da cidade, de outros estados e, principalmente, de Goiânia e Brasília. Oito dias antes da festa começa a Novena do Divino. A cidade é despertada duas vezes: às 4 e às 5 da manhã com as bandas de músicas; as rezas são solenes e para cada uma das noites há um ‘mordomo’ sorteado junto com o ‘Imperador’ do Divino. Durante todos os dias de festejo, mesmo depois do Domingo de Pentecostes, a Bandeira do Divino fica hasteada ao lado da Igreja Matriz. Com a novena, a procissão da Bandeira e as missas, temos a parte religiosa da festa. O Sábado do Divino marca o início da parte profana (BRANDÃO, 1978). De acordo com Brandão (1978, p. 19)

Ao meio dia saem às ruas bandos de mascarados a cavalo. Cobertos de máscaras [...] com a forma de cabeças de bois com grandes chifres [...] vestidos de roupas coloridas e brilhantes [...] que galopam juntos, sobretudo quando se apresentam no ‘campo das cavalhadas’. Durante as Cavalhadas de Cristãos e Mouros, eles se apresentam [...]. Na terça-feira, ao final dos festejos, sairão atrás da Banda de Música até a casa do imperador, para juntamente, com muitas outras pessoas envolvidas com a Festa, ‘entregar a Festa’ (aspas simples do autor).

Segundo Brandão (1978) os mascarados, ou *Curucucus*, dão um ar pitoresco à festa fazendo algazarra com suas roupas extravagantes e máscaras enfeitadas. Acredita-se que a origem dos mascarados é africana e que tenham como objetivo espantar os maus espíritos e

¹⁹ Estas e outras informações históricas podem ser encontradas nos sítios das seguintes referências: A FESTA, 2001, AS CAVALHADAS, 2001 e RELEASE, 2001.

mascarar as atrapalhadas que ocorrem durante a festa do Divino. A máscara de boi, feita de papel machê, é típica e exclusiva de Pirenópolis.

A Festa do Divino chega ao seu final com *As Cavalhadas*. Elas evocam batalhas medievais entre mouros e cristãos, que aconteceram na Península Ibérica e na costa noroeste da África, em uma complexa encenação equestre²⁰ em honra do Imperador e do Espírito Santo. As Cavalhadas chegam ao final quando cristãos e mouros já batizados, rezam ao Divino Espírito Santo e descarregam suas armas, encerrando o Império.

A figura mais importante da Festa do Divino é a do Imperador, escolhido a cada ano por sorteio entre os homens da sociedade, atualmente independente de classe social. O Imperador, a quem cabe toda a responsabilidade de promover e cuidar da festa para que tudo se realize com ordem, incentivando, angariando fundos e mobilizando a população nos afazeres da festa, tem como principais atributos a generosidade, a hospitalidade e a distinção.

Embora em todo o Brasil o Espírito Santo seja festejado, segundo Brandão (1978) no Centro Oeste, em particular, ela é um dos núcleos fundamentais da religiosidade popular. Em Pirenópolis essa festa traduz uma piedade e devoção para com o Espírito Santo; estabelece um sistema simbólico de relações entre o Espírito Santo e seus fiéis e promove um sistema de rituais em homenagem coletiva ao Divino pelos favores em prol da comunidade.

A festa do Divino é a festa da vida, da comunhão, da solidariedade. Através dela se mantém a tradição cultural do povo, sua difusão e ressignificação. A festa transforma as pessoas invisibilizadas, em seu cotidiano, em imperadores, cavaleiros, atores e atrizes²¹. É a festa dos sonhos, dos mitos, do corpo e da busca do bem estar através da comida, doces e bebidas em abundância. É a forma de sentir e de expressar. A festa do Divino é o espaço em que homens e mulheres pobres e marginalizados se sentem, por alguns dias, protegidos simbolicamente, das condições adversas e sofridas da vida. Nestes dias expressam seus anseios mais profundos e mesmo sem entender a profundidade da teologia do Espírito

²⁰ Ou seja, os participantes da encenação estão montados em **cavalos**, como a cavalaria numa batalha medieval, por isso o nome *Cavalhadas*.

²¹ Não há amazonas nas Cavalhadas nem imperatrizes na Festa do Divino em Pirenópolis, conforme as descrições mais atuais da festa, disponíveis nos sítios da Internet já citados na nota de n.º 22. Às mulheres cabem a participação na representação do Auto das Pastorinhas, na preparação da festa e dos seus banquetes.

Santo intuem que o Espírito de Deus é o Espírito da Vida e que por isso Deus é Espírito de amor, liberdade e justiça. É o mesmo Deus que ressuscita o seu Filho e o liberta das agruras da cruz. Por isso vale à pena festejar, comer e cantar. Dessa forma o Espírito Santo é festejado em Goiás. Seu culto é válido e eficaz não apenas porque é dirigido ao Divino, mas porque

cuidadosamente, reproduzem modos locais de produzir louvor e graças à divindade, validados e tornados respeitáveis pela sua própria tradição. Poder-se-ia, aqui, completar com Levi Strauss: não é porque são eficazes que se repetem, é porque se repetem que se tonam eficazes (BRANDÃO, 1978, p. 72).

O povo tenta encontrar em suas crenças possibilidades de superar as injustiças sociais e econômicas encontrando uma força espiritual que possa de alguma maneira transformá-las. O povo goiano procura entender de que modo Deus se faz presente no mundo, mas ao mesmo tempo procura encontrar no Divino a força para vencer a dor, o sofrimento, as injustiças e encontrar a força para despertar a cada manhã e viver mais um dia, talvez, de discriminação, de marginalização, de fome, de pobreza, de exclusão racial e sexual, entre tantas outras. Portanto a Festa do Divino é a celebração e o reconhecimento de que Deus é o amigo co-sofredor, mas também é Aquele que é capaz de consolar e libertar. Deus, portanto parece tornar-se um aliado e a fé é aquela dimensão que parece ter a capacidade de mudar as circunstâncias. Este é um Deus que continua indo para as margens, fora das construções do centro!

Concluindo

Parece-nos possível poder afirmar que o povo goiano sabe vivenciar e cultuar a Santíssima Trindade de acordo com uma religiosidade popular própria, carregada de emoção e devoção. O povo goiano não delimita espaços de vivência de sagrado e de profano nas suas devoções populares, e isso é característica da religiosidade do povo do cerrado, um povo sofrido que sabe suspender momentaneamente a dureza do dia-a-dia, mergulhar num estado de graça e dela sair revigorado para enfrentar as vicissitudes que a vida impõe a todos nós. O panorama religioso goiano é marcado por festas, sejam essas que

apresentamos nesse artigo, ou outras que florem o calendário secular e religioso local. Portanto, vivenciar o sagrado, no Estado de Goiás, é vivenciar a religiosidade de um povo que luta contra a secularização para preservar sua identidade e sua fé.

REFERÊNCIAS

A FESTA do Divino. Disponível em <<http://www.pirenopolis.tur.br/festa-do-divino>>. Acesso em 01. jul. 2011.

AS CAVALHADAS de Pirenópolis. Disponível em <<http://www.pirenopolis.tur.br/cavalhadas>>. Acesso em 02. jul. 2011.

BERTRAN, Paulo; FAQUINI, Rui. **Cidade de Goiás**: patrimônio da humanidade, origens. São Paulo: Verano e Takano, 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o santo e a senhora**. Rio de Janeiro: Funarte, 1978.

BRITTO, Clovis Carvalho; ROSA, Rafael Lino (Org.). **Nos Passos da Paixão**: a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos em Goiás. Goiânia: PUC-Goiás/Kelps, 2011.

CAMPOS. Itaney Francisco. **Notícias históricas do Bairro de Campinas**. Goiânia: Prefeitura Municipal, Assessoria Especial de Cultura, 1985.

CHAUL, Nars Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: UFG, 2002.

FERREIRA, Joaquim Carvalho. **Presidentes e governadores de Goiás**. Goiânia: UFG, 1980.

FORTE, Bruno. **A Trindade como história**: ensaio sobre o Deus cristão. São Paulo: Paulinas, 1987.

FORTE, Bruno. **Jesus de Nazaré**: história de Deus e Deus da história. São Paulo: Paulinas, 1985.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACÓB, Amir Salomão. **A Santíssima Trindade do Barro Preto**: história da romaria de Trindade. Trindade: [s.n.], 2000.

LE MOS, Carolina Teles (Org.). **Religiosidade Popular**. Goiânia: Deescubra, 2007.

PELÁGIO Sauter, Apóstolo de Goiás. Disponível em: <<http://www.redentorista.com.br/texto.php?modulo=pepelagio>>. Acesso em 05. dez. 2011.

PALEARI, Giorgio. **Religiões do povo**: um estudo sobre a inculturação. São Paulo: Ave Maria, 1990.

PARKER, Cristián. **Religião popular e modernização capitalista**: outra lógica na América Latina. Petrópolis: Vozes, 1996.

RELEASE Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis. Disponível em <<http://www.pirenopolis.go.gov.br/1498/noticias/cultura/release-festa/>>. Acesso em 29. jun. 2011.

ROCHER, Guy. **Sociologia Geral**. Tradução de Ana Ravara. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

SOUSA, João Cardoso de. Santuário de Trindade: repórter de 1898. **Revista da Arquidiocese**, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 6-7, 1958.

TERRIN, A. Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. Trad. Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.

TERRIN, A. Natale. **Antropologia e horizontes do sagrado**: culturas e religiões. São Paulo: Paulus, 2004.

ZAVAREZ, Maria de Lourdes. **As celebrações Litúrgicas do Santuário de Trindade (GO) em sua Festa Anual**: expressão da igreja particular de Goiânia. 1989. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática). Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção. São Paulo.